

## **Aulas sobre “masculinidade” diminuem índices de violência contra a mulher**

*Para pesquisadores, meninos devem ser ensinados sobre os aspectos positivos da masculinidade desde o Ensino Fundamental*

**(Galileu, 10/06/2019 - acesse no site de origem)**

Aulas sobre os aspectos positivos da “masculinidade” diminuem índices de violência contra a mulher, de acordo com uma análise feita nos Estados Unidos. Pesquisadores chegaram à conclusão após fazerem experimento com alunos do Ensino Fundamental.

Após uma série de atividades envolvendo a questão, os garotos mostraram entender melhor os problemas do uso de coerção e violência nas relações. Além disso, o programa mudou as crenças da turma sobre atitudes violentas, incluindo assédio e violência sexual.

“A maioria das pesquisas sobre violência sexual concentra-se em estudantes do Ensino Médio e Superior, mas pesquisas mostram que essas formas de violência também prevalecem entre estudantes do Ensino Fundamental”, disse Victoria Banyard, principal autora do [estudo](#), em [comunicado](#).

As aulas incluem quatro sessões de uma hora que exploram a normalização, a difusão e a natureza nociva dos pressupostos papéis de gênero. Os meninos envolvidos no programa aprenderam sobre empatia, relacionamentos saudáveis, violência baseada em gênero e receberam treinamento para saber como reagir ao presenciarem agressões físicas.

“Ao se concentrar em expressões positivas de masculinidade, como a capacidade de ser respeitoso nos relacionamentos, este programa ajuda os meninos a encontrar maneiras positivas de prevenir a violência”, contou Banyard.

---

## **Combate ao assédio sexual no Brasil exige debate sobre educação e masculinidade, dizem colunistas**

*Segundo Ilona Szabó, sem dados confiáveis, não dá para desenhar políticas públicas*

**(Folha de S. Paulo, 21/02/2019 - acesse no site de origem)**

Para combater assédio e violência sexual, é preciso abrir espaço para que as mulheres se sintam seguras para denunciar e para que os homens possam discutir seu papel na sociedade.

As duas frentes passam pela educação, dentro e fora da escola.

Essa foi uma das conclusões do debate “Ser mulher em tempos de [#MeToo](#)”, que reuniu as colunistas da Folha [Ilona Szabó](#) e [Katia Rubio](#), nesta quinta-feira (21), no auditório do jornal em São Paulo.

“É fundamental a criação de um ambiente onde a gente possa falar e compreender melhor o que está acontecendo. Sem dados confiáveis, não dá para desenhar políticas públicas”, disse Ilona, ao citar, para além do [#MeToo](#), movimentos espontâneos de outros países, como [Meu Primeiro Assédio](#) (Brasil) e Ni Una Menos (Argentina).

Katia Rubio, que há mais de 20 anos pesquisa histórias de vida dos atletas brasileiros, afirmou já ter tido contato com inúmeros relatos de assédios e abusos cometidos por técnicos. “As vítimas se calam por medo. No Brasil, a denúncia é associada a uma agressividade que, culturalmente, não pega bem. E o abuso não é só contra menina, é contra menino também”, disse.

Ela contou que certa vez reagiu a uma investida na rua. De minissaia e salto alto, subia uma ladeira no bairro do Paraíso (SP), quando cruzou com um homem que vinha em sua direção. “Percebi que ia dar problema. Quando ele virou para me pegar, desferi um golpe que o levou ao chão. Eu fazia aikido na época. Quem gritou por socorro foi ele”, disse, arrancando risos da plateia.

Com mais de 50% da população composta por mulheres, a representação é uma chave importante para políticas em prol dos direitos femininos, apontaram as colunistas. “Precisamos lutar para que a política, que é a única maneira de mudar o que a gente quer, seja um negócio limpo”, afirmou Ilona, que dirige o Instituto Igarapé, instituição sem fins lucrativos de pesquisas e soluções inovadoras para segurança, justiça e desenvolvimento.

Em 2018, o percentual de mulheres eleitas para a Câmara dos Deputados cresceu de 10% para 15%. “Mulheres na política inspiram outras mulheres e inspiram homens, o que é fundamental”, complementou.

Também deve ser pleiteada, pelas mulheres, representação no âmbito dos esportes, afirmou Katia, que é professora na Escola de Educação Física e Esporte na USP. “Há cada vez mais mulheres ocupando esses espaços, mas no campo de gestão e lideranças técnicas ainda é um tabu. Basta ver quantas mulheres brasileiras são técnicas das equipes de ponta ou quantas estão no conselho do COB [Comitê Olímpico do Brasil]. Nenhuma.”

Rubio, que é autora do livro “Atletas Olímpicos Brasileiros”, lembrou que a modalidade de maratona feminina só passou a existir nos Jogos Olímpicos em 1984, enquanto salto com vara entrou apenas em 2000 e o boxe, em 2012.

Em um país com tantos registros de crimes de estupro e feminicídio, é preciso mudar “modelos tóxicos de masculinidade”, afirmou Ilona Szabó. Nesse sentido, destacou que, ainda hoje, meninos são ensinados a não demonstrar sentimentos e a reagir com agressividade.

“A gente tem que saber que homem também sofre e, muitas vezes, perpetua um comportamento que é esperado dele. Quando a gente pensa no assassinato de homens, que é brutal e gigantesco, também passa por esse modelo de masculinidade, de achar que tem que resolver com força bruta”, disse.

Outra via para a redução da violência praticada por homens contra mulheres, lembrou Ilona, está na educação. “Nossos jovens não são preparados para lidar com situações de violência, de drogas ou de gênero. A gente prefere punir em vez de falar a verdade antes e ajudar as pessoas a fazerem melhores escolhas.” Katia concordou. “Educação sexual tem que estar na escola, sim. Todo ato de convivência é um ato político, e isso a gente aprende na escola.” Ainda sobre educação, Ilona destacou o alto índice de abusos sexuais contra crianças cometidos por familiares, daí a importância de a escola tratar esses temas.

Na plateia lotada do evento, havia alunos da escola São Domingos, de São Paulo, e estudantes universitários da Uninove e da ECA-USP. O debate integrou a programação de eventos nesta semana em comemoração dos 98 anos do jornal. Na sexta-feira, às 11h30, acontece o último debate, “Dá para ter orgulho em ser brasileiro?”, com os colunistas Contardo Calligaris e Nizan Guanaes. A mediação será da repórter especial Patrícia Campos Mello.

O evento acontecerá no auditório da Folha (al. Barão de Limeira, 425, 9º andar - Campos Elíseos). As inscrições podem ser feitas no site Folha Eventos.

*Bianka Vieira*

---

## **Em 2017, precisamos ouvir (de verdade) as feministas**

*Como era de se esperar, o ano novo começou com o gosto amargo e o mal estar do enorme porre político-social que foi 2016*

Um pouco antes das festas de final de ano foi bastante circulada, pelas redes sociais, a imagem de um tweet que convocava [feministas](#) a arruinarem as ceias familiares com nossas opiniões.

Houve quem tenha utilizado o meme de forma séria, genuinamente desejando coragem para as amigas.

Houve quem o tenha compartilhado sarcasticamente, no melhor estilo “se não for para incomodar nem vou”.

E também houve quem tenha questionado sua validade, declarando que a última coisa que queriam era estragar as festas em família.

O debate na internet por vezes lembra aquela canção popular imortalizada pelo Trio Irakitan, *A Velha a Fiar*, na qual sempre há uma pessoa ou animal tentando incomodar outra pessoa ou animal, enquanto a velha segue fiando sem pestanejar.

Logicamente não há nada de errado no afã de criticar ou [problematizar](#) certas questões (afinal

os feminismos se constituem precisamente disso), tampouco visou aqui culpabilizar as redes que, apesar das bolhas algorítmicas, têm valor precisamente por possibilitarem que muitas vozes oriundas de grupos histórica e sistematicamente excluídos encontrem vazão.

Tudo na internet é problematizado à exaustão, e para seguir navegando as redes, o espírito precisa se assemelhar ao da velha da música, que fia sem parar apesar do acúmulo de chateações geradas por outrem.

O debate acerca de certos assuntos e perspectivas, para algumas pessoas, pode parecer amolação - mas para quem os propõe tê-los é uma questão de sobrevivência.

Cabe continuar não apenas fiando, mas prestando atenção no que é dito, para que seja então possível pensar a respeito de colocações que podem parecer alheias, mas que podem significar risco de morte.

Mas minha intenção não é discorrer sobre a internet, e sim sobre a falta de escuta e reflexão que pode ser percebida em conversas que acontecem não somente ali, mas também offline.

O que pretendo argumentar é que como [feministas](#), quer estejamos ou não propositadamente dispostas a desestabilizar a tradição machista, o fazemos simplesmente ao termos a coragem de expressar nossas perspectivas, ainda que nossa intenção seja pacífica.

## **Chacina de Campinas**

Foi [Djamila Ribeiro](#) quem disse que são aqueles que mais precisam escutar os argumentos de quem aponta opressão sistêmica os que menos querem ouvir sobre o assunto.

Na virada do ano o País foi chocado com notícias sobre a [Chacina de Campinas](#), e tão logo feministas começaram a apontar o óbvio, os ataques a nós começaram.

O assassinato coletivo foi não apenas cometido, mas planejado a partir da perspectiva [misógina](#) de seu perpetrador. O que aconteceu foi um [feminicídio](#), e esta interpretação sobre o fato não constitui o falacioso “mimimi” feminista: ela é facilmente verificável ao analisarmos o conteúdo da carta póstuma do assassino, cuja descrição da ex-esposa é claramente misógina.

Os números também sustentam essa afirmação: a cada onze minutos uma mulher é [estuprada](#) no Brasil, que também é o quinto país do mundo onde mais se matam mulheres de acordo com Mapa da Violência 2015, e o campeão mundial de assassinatos de [travestis e transexuais](#) segundo pesquisa ONG Transgender Europe.

Não é leviano utilizar esta tragédia para sustentar o argumento de que os pontos de vista feministas - os mesmos que causam tanta comoção a ponto de “arruinarem” encontros familiares - são silenciados justamente por serem desconfortáveis.

Cada vez que uma feminista resiste e se expressa de forma contrária aos comentários e atitudes [machistas](#) embutidas do cotidiano - seja em família, no trabalho ou nas redes sociais - ela vai enfrentar fortes reações de silenciamento.

Sem a abertura para falar, e sem que exista possibilidade de escuta por parte daqueles cujas vidas não estão em risco por conta do próprio gênero, jamais teremos a possibilidade de reverter o quadro de violência e morte que assombra as vidas de todas nós.

Os canais formais não protegem as mulheres. A mídia é muito rápida em questionar o passado e o caráter de mulheres que denunciam seus agressores.

Quando expomos nossa vulnerabilidade, somos acusadas de estar fazendo drama. Não é que não estejamos falando, trabalhando ou fazendo campanhas de conscientização. É que onde sobra machismo, falta escuta.

Em um [artigo](#) publicado no site Justificando nesta terça 3, Roberto Tardelli convida os homens a discutirem masculinidade, contemplando ações machistas comezinhas, que podem passar despercebidas para eles, mas que - sabemos, e temos evidência de sobra para sustentar essa afirmação - resultam em violência e morte.

É absolutamente crucial que mais e mais homens comecem a ouvir o que dizem as feministas, pois temos acesso a, e produzimos os estudos que apontam que o machismo constitutivo é bastante inconsciente para quem dele não sofre.

É preciso tomar responsabilidade, e compreender o próprio machismo é um passo importante para remediar este mal.

Homens tendem a ouvir outros homens, e historicamente vêm nos acusando de loucas, histéricas e dramáticas simplesmente por se recusarem a assimilar o que não querem ouvir.

[Machismo](#) - e também racismo, xenofobia, homofobia e elitismo - não são características fisiológicas, nem (necessariamente) falhas de caráter, mas sim sistemas sociais de poder e dominação.

O fato de que existem mulheres machistas, por exemplo, não anula o fato de que o machismo é constitutivo de nossa sociedade - pelo contrário, evidencia ainda mais o caráter estrutural deste fenômeno social.

Não é preciso ser discípulo do Jece Valadão para ser machista. Para ser machista basta cometer ações machistas. Ninguém está imune. Apontar machismos - em conversas e ações - não significa uma tentativa de silenciar, totalitarizar ou dominar ninguém.

Apontar machismos cotidianos, ainda que seja para nossos amigos e familiares, é apontar para as ações que contribuem para e fomentam a existência de violências pautadas na inequidade de gênero.

Pular na defensiva antes mesmo de assimilar o recado denota imaturidade e soberba. Escutar é tomar responsabilidade, e pensar é, antes de tudo, pensar-se.

Falar é uma ação, e é uma ação poderosa para aquelas cujo silenciamento pode resultar em morte. Meu desejo para todas as mulheres nesse novo ano é que tenham coragem para revelar até mesmo a mais mundana das ações machistas, ainda que isso cause desconforto em entes queridos.

Está mais do que na hora dessa ressaca moral bater em quem se esbalda no o porre da injustiça.

*Por Joanna Burigo*

---

# Homens veem mulheres poderosas como ameaça a sua masculinidade, diz estudo

**(Brasil Post, 06/08/2015)** Estudos acadêmicos podem ser fascinantes... e muito difíceis de entender. Decidimos tirar todo o jargão científico e explicá-los para você.

## **O pano de fundo**

Mais e mais mulheres seguem o conselho de Sheryl Sandberg: fazer acontecer. Ao mesmo tempo, cada vez mais homens têm de se reportar a chefes mulheres. É algo que muitos deles têm dificuldade de aceitar, segundo pesquisas. Mas, se as mulheres forem chefes tão — ou mais — competentes que os homens, por que eles preferem ter outros homens como chefes? E por que as chefas têm um viés tão negativo? Um estudo recente oferece uma resposta interessante.

## **A preparação**

A pesquisa foi composta por três pequenos estudos, que investigaram como os homens reagem às mulheres no poder. No primeiro deles, 76 homens e mulheres tiveram de negociar seus salários com um novo empregador, por meio de mensagens de computador. Os participantes foram divididos em dois grupos. Um deles negociou com uma mulher (Sarah), e o outro, com um homem (David). A oferta inicial era um salário anual de 28 500 dólares, mas os participantes poderiam fazer até cinco contra-ofertas. Depois, eles responderam a um questionário para determinar quão intimidados se sentiram por David ou Sarah.

No final, os homens que negociaram com Sarah se sentiram mais intimidados que os que lidaram com David — e responderam com contra-ofertas mais assertivas. Já as mulheres não associaram o gênero do entrevistador à propensão de se sentirem intimidadas ou de fazer contra-ofertas.

No segundo estudo, 68 homens tinham de imaginar que trabalhavam no departamento de marketing de uma empresa. Eles receberiam um bônus de 10 000 dólares, a ser dividido com um colega. O dinheiro seria dividido com uma mulher da equipe, um homem da equipe, uma mulher líder de equipe ou um homem líder de equipe. Depois de ler seus respectivos cenários, os participantes responderam o mesmo questionário sobre intimidação. Eles tinham de indicar quanto dos 10 000 dólares eles mereciam, em comparação com seu colega.

No terceiro estudo, 370 homens e mulheres receberam as mesmas instruções do segundo estudo, com uma diferença: todos tinham um líder de equipe, e ele (ou ela) eram ambiciosos (“determinados/as a avançar na carreira, chegar ao topo, incansáveis”) ou administrativos (“[ele ou ela] são gerentes de projeto eficientes e concluem projetos importantes para o funcionamento e para a eficiência da empresa”).

## **Os resultados**

Nos três estudos, os homens se sentiram mais ameaçados por uma supervisora mulher e

responderam de forma mais assertiva. O segundo estudo mostrou que homens que tinham uma mulher como chefe se sentiam mais ameaçados e só ofereceram cerca de metade do bônus de 10 000 dólares, enquanto os que tinham chefes homens ofereciam uma parte maior do bônus. Ou seja: a mulher no poder levava os homens a ser mais agressivos na hora de decidir quanto dinheiro receberiam.

As coisas ficaram ainda mais interessantes no terceiro estudo. Quando as chefes mulheres foram descritas como administrativas e concentradas na equipe - em vez de ambiciosas e focadas no avanço de suas carreiras →→, os homens se sentiram menos ameaçados e, portanto, foram menos gananciosos na hora de dividir o bônus. Juntos, os três estudos mostram que os homens se sentem ameaçados por mulheres no poder e respondem a isso sendo mais assertivos. Segundo os pesquisadores, esse padrão de comportamento é comum entre homens que tentam proteger sua masculinidade.

### **A conclusão**

Brincando com status e gêneros, os pesquisadores conseguiram demonstrar que, sozinho, o status não é suficiente para fazer os homens se sentirem ameaçados - o que ameaça sua masculinidade é a soma de gênero e status. Isso é claramente um problema para muitas mulheres talentosas e determinadas que tentam ultrapassar o "teto de vidro" - ou simplesmente ganhar a vida.

A solução para as mulheres é fingir que não são ambiciosas, portanto? Concentrar-se na equipe e não em si mesmas? Não. Que esses resultados sirvam como estímulo para que elas deem ainda mais duro diante da agressividade. No fim das contas, se os homens estão realmente questionando sua masculinidade porque se reportam a uma mulher, quem são os fracos da história?

*Rebecca Adams*

**Acesse no site de origem:** [Homens veem mulheres poderosas como ameaça a sua masculinidade, diz estudo \(Brasil Post, 06/08/2015\)](#)